

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



TEATRO CARLOS ALBERTO
11—27 ABR 2024

O 25 de Abril Nunca Aconteceu

texto e encenação

Ricardo Alves



dur. aprox. 1:10
M/14 anos

Conversa com
a Mónica +
Língua Gestual
Portuguesa +
Audiodescrição
27 abr

qua—15:00
qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

cenografia
Ricardo Alves
Sandra Neves

desenho de luz
Ricardo Alves

música e sonoplastia
Rodrigo Santos

figurinos
Inês Mariana Moitas

produção executiva
Helena Fortuna

interpretação
Beatriz Baptista, Eloy
Monteiro, Ivo Bastos,
Filomena Gigante, Mário
Moutinho, Rodrigo Santos,
Valdemar Santos

coprodução
Teatro da Palmilha
Dentada, Centro Cultural
de Carregal do Sal,
Município de Lagoa, Teatro
Nacional São João



O Meu 25 de Abril

RICARDO ALVES

Eu não sei o que foi o 25 de Abril. Tinha 10 anos em 1974.

Do período chamado revolucionário, lembro-me de andar de bicicleta a cantar Sérgio Godinho.

“Aprende a nadar, companheiro
Que a maré se vai levantar
Que a liberdade está a passar por aqui
Maré alta.”
Sérgio Godinho (1971)

Sei que o Salgueiro Maia saiu da Escola Prática de Cavalaria de Santarém para tomar o poder.

“Há diversas modalidades de Estado: os estados socialistas, os estados corporativos e o estado a que isto chegou! Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos.
De maneira que, quem quiser, vem comigo para Lisboa e acabamos com isto. Quem é voluntário sai e forma. Quem não quiser vir não é obrigado e fica aqui.”
Salgueiro Maia (1974)

Mas não temos grandes memórias dos 10 anos, nem aos 10 anos temos olhos suficientemente grandes para ver bem o que nos rodeia.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”
José Saramago (1995)

Lembro-me de olhar, ver e reparar na tristeza instalada nos olhares de 2012, nos anos cinzentos da troika, quando andar na rua era ver desespero, tristeza e incerteza em cada rosto. Não me lembro da cor instalada nos meus primeiros anos de vida. Até porque, para reparar em alguma coisa, é necessário que essa coisa seja excepção, seja uma coisa, e não o real dominante. Detectamos as mudanças ao meio ambiente em que aprendemos a sobreviver, o resto é normalidade que se aceita e onde nos integramos por observação e imitação.

“Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”
Sophia de Mello Breyner Andresen (1974)

Aos 10 anos não ansiamos por madrugadas inteiras e limpas.

O que sei de Abril é de ouvir. Só quem, em consciência plena, viveu os anos de ditadura sabe em pleno o que foi o 25 de Abril. As linhas mestras da história ficam registadas nos compêndios, mas os gestos do dia-a-dia, os medos pequenos, as ansiedades corriqueiras que definem uma época escapam, porque quase parecem irrelevantes. Este espectáculo é sobre isso. A aprendizagem do medo. A convivência silenciosa com o mal. A aceitação da fatalidade. Mas também sobre a resistência quase inócua, mas que no fim do dia faz a diferença. A aceitação do outro, sem o sentir ameaça. O direito a sonhar e a ter esperança mesmo em clandestinidade, o maior acto de resistência.

“Matam-te a fome e o cansaço.
Anda madraço, anda madraço!
Anda, que a fome a tudo obriga
como um senhor cruel é que manda,
que de laço em punho te fustiga.
Anda madraço!

Anda, arranca forças de onde as não as tens
já que te falta a raiva, mais os dentes
para rilhar os ossos como os cães.
Anda madraço!”
Fausto José, cantado por José de Almada (1970)

O actor mais velho deste espectáculo tem 77 anos, a mais nova 27. Cinquenta anos de diferença. O mais velho foi à tropa em Timor, a mais nova tirou o curso de Interpretação na Escola Superior de Teatro e Cinema. São maneiras bem diferentes de viver os 18 anos. E é também uma conquista de Abril e é também sobre isto o espectáculo. Este espectáculo é ainda sobre carimbos em papel azul de 25 linhas, no estrito respeito das formalidades.

JULIETA: Proteger-me de quê?

ANA: Dos outros. Dos que acham que são donos da verdade e que querem que toda a gente viva e sinta como eles pensam.

JULIETA: Como a vizinha do terceiro?

ANA: A dona Clara?

JULIETA: Sim, ela está sempre a falar da maneira como eu me visto. A criticar-me.

PÔNCIO: Julieta, estou farto de te dizer para teres cuidado. Tu vestes-te muito... sei lá... garrida.

JULIETA: Garrida!?

ANA: Cores a mais, Julieta! Chamas a atenção.

PÔNCIO: E saias demasiado curtas.

JULIETA: Eu visto como gosto, ninguém tem nada a ver com isso.

ANA: Não deviam ter, mas têm.

PÔNCIO: Tu depois quando tiveres idade vais perceber.

JULIETA: Perceber o quê?

ANA: Não queiras passar o que eu passei.

JULIETA: Passar o quê?

PÔNCIO: Tu ainda és muito nova para fazeres perguntas.

JULIETA: Perguntar o quê?

ANA: Tem só cuidado com o que dizes e o que pensas.

JULIETA: Com o que penso?

PÔNCIO: Não penses em voz alta.

ANA: Nunca.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

O novo sempre vem

JÚLIO EME*

Não é preciso consultar nenhuma estatística para perceber que, apesar de a nossa população estar a envelhecer, a percentagem daqueles que têm memória do “antes” e que viveram efectivamente o 25 de Abril é cada vez mais reduzida. É natural, a lei da vida assim o dita, tal como noutras datas significativas, como o 1.º de Dezembro, o 31 de Janeiro ou o 5 de Outubro, em que a memória directa se perdeu. Na Revolução de Abril, há contudo o aspecto emocional que se perde, independentemente da passagem do testemunho vivido e dos registos dos livros de história, porque não se sente como antes.

O lado imensamente afectivo do 25 de Abril é uma das suas marcas mais perenes e deve-se à intensa vivência que a dita “última revolução romântica do século XX” proporcionou àquelas que tiveram a felicidade de a viver. Saiu-se de um ambiente cinzento e taciturno para uma explosão de luz e de alegria, onde um regime decrépito se finou, com a multidão nas ruas, desrespeitando a recomendação do Movimento das Forças Armadas para que permanecesse em casa. Dos canos das metralhadoras saíram, quer dizer, na realidade, entraram cravos – mas é a primeira imagem que perdura, simbólica, embora não seja menos atractivo pensar que foi a introdução das flores nos canos que impediu que tudo descambasse num banho de sangue.

Não falta quem considere que a revolução não foi mais do que um golpe de estado, mas por muito que essa análise possa ser factual, ignora o lado afectivo da data: desrespeitar uma recomendação virtuosa, e explodir nas ruas em apoio a esse golpe, foi a verdadeira revolução deste dia. Em algumas horas, passámos de um povo manso e obediente a um mar de gente onde em cada rosto se via uma esperança nascente.

Mais do que os factos (do 25 e de tudo o que se lhe seguiria), a sensação de liberdade e a memória dessa embriaguez, dessa esperança desmedida, são o fundamental a celebrar em Abril.

Para o comemorar, a Palmilha Dentada escolheu fazê-lo desaparecer e, com isso, tornar mais vivo na nossa actualidade um “antes” de que alguns dizem ter saudades. O acto tem tanto de provocatório como de pedagógico.

Nos trabalhos da Palmilha, o texto é pretexto e o humor é o contexto. O grupo praticou sempre um teatro acessível, não se fica pela facilidade do humor, é a actualidade temática (mais profunda do que muitas vezes aparenta), a linguagem clara e directa, mesmo que recheada de múltiplos sentidos, que atrai e fideliza públicos. Nos últimos tempos, viajou pelo país e co-produziu com companhias externas às grandes cidades (*A Cidade e as Serras – Não é Eça*, na Serra de Montemuro, e *Granito*, em Mondim de Basto); brincou com a ópera (*Così run Tutti*), com o teatro musical e com a revista à portuguesa (*Assim se Fazem as Coisas: Monumental Revista Antipopularuxos*); tocou nos clássicos intocáveis (*O Burguês Fidalgo*); voltou ao café-teatro (*Cabaret Infinito e Teatro Drink*); subiu o mastro do circo (*Circlus*); adaptou-se à pandemia e às novas tecnologias de difusão (*Máscara Social e Bazuca News*); voltou a praticar um teatro intimista (*O Gene do Corvo, Vincenzo, Doze Efeitos de Luz*); não descurou as gerações mais novas (*Conto das Duas Aldeias, O Inventor de Ideias*) e encontrou Lugar. O colectivo cultiva o seu público; não para lhe agradar, mas para o agarrar, para o trazer para as questões aparentemente simples que nos enformam como sociedade.

Assim também é neste seu 25 de Abril falhado (a revolução, não a peça) – um retrato onde se efabula como se tudo hoje fosse (quase) como antes. Todos sabemos que a hipótese é absurda, que o regime estava moribundo, que se não fosse assim era assado e que se não fosse a 25 era a 26; mas a fábula é importante para a reflexão da realidade.

O texto do Ricardo Alves é eficaz no nosso retrato: nós somos os Marcolinos, os Pôncios, os Rosendos e as Ofélias de hoje. Reconhecerno-nos neles é perceber de que forma teríamos conseguido chegar à liberdade se o Salgueiro Maia não tivesse parado no semáforo. A Amy já cá não está e nós subemos em devido tempo, a Coca-Cola acabou por se entranhar, a PIDE desapareceu, as

coisas mudaram, como diz a canção,¹ “o novo sempre vem”. Mas temos de estar atentos, perceber que depende de nós que aquele que “ama o passado e que não vê que o novo sempre vem” não encontre espaço para a sua visão retrógrada e saudosista; estar preparados para agir, para novas formas de construir democracia e preservar a liberdade.

Os espectáculos da Palmilha habituaram-nos às cenas que se compõem à nossa frente e aos seus finais abruptos sem termos de esperar muito – tudo acontece porque tem de acontecer e acaba porque tem de se acabar. Batemos palmas e seguimos com a nossa vida; tratamos de regressar a casa em sossego, mesmo que com algo a bulir na nossa cabeça para além do riso e da boa disposição.

No momento em que escrevo, não conheço como será este fim (ou talvez seja um expediente para não o desvendar) mas, desta vez, palpita-me que não nos querem deixar em sossego. Acabe a peça como acabar, temos de sair do teatro e não esquecer que temos de preservar e acarinhar as nossas liberdade e democracia; abandonar um pouco a afectividade sentimental pela data e abraçar a afectividade cerebral pelo seu significado; substituir um bocadinho do coração por um pouco de pensamento construtivo.

Efectivamente, o 25 de Abril nunca aconteceu. O 25 de Abril acontece todos os dias e tem de continuar a acontecer todos os dias. Depende de nós. E nós dependemos disso.

1 “Como Nossos Pais”, canção de 1976 composta por Belchior e que fez sucesso na voz de Elis Regina, em plena ditadura militar brasileira.

* Gestor e produtor cultural.
(13 anos em 25 de Abril de 1974)

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira
Telma Moreira

som
Joel Azevedo
coordenação
Pedro Almeida

vídeo
Fernando Costa

língua gestual portuguesa
CTILG - Serviços de
Tradução e Interpretação
de Língua Gestual, Lda.

APOIOS À DIVULGAÇÃO



COMBOIOS DE PORTUGAL



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui
Macedo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
João Tuna

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intérpretes
como para os espectadores.



O TNSJ É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO



TNSJ 25
ABRIL 50

